

CORREIO BRAZILIENSE

País à beira do racionamento

» SIMONE KAFRUNI

Com reservatórios de água em níveis críticos e uma crise sem precedentes no setor elétrico, o país precisa de ações emergenciais do governo federal. A escassez de água em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro não permitirá que a presidente reeleita, Dilma Rousseff, espere pelo próximo mandato para se reunir com os governantes dos estados mais atingidos. O ano eleitoral adiou medidas necessárias para minimizar os estragos provocados pela pior seca em 80 anos. E o quadro só não se agravou porque a economia do país está estagnada e a indústria, em recessão, consumiu menos energia. Agora, não haverá escapatória: o governo terá que decretar a racionalização do consumo, planejar melhor as obras de infraestrutura e aperfeiçoar a interlocução com o setor.

O Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) reduziu a previsão de armazenamento de água nos reservatórios das hidrelétricas do Sudeste e do Centro-Oeste, que respondem por 70% da geração hídrica do país. O último relatório aponta que as represas devem fechar o mês, na próxima

Carlos Silva/CP/DA Press - 26/8/14



Excesso de intervenção do governo desestruturou setor de energia

sexta-feira, com 18,4% da capacidade, abaixo dos 21% registrados em 2001, ano do racionamento. Na Região Nordeste, segundo parque gerador, os lagos devem alcançar nível de água de 15,2%.

Meteorologistas preveem mais chuva no Sudeste e Centro-Oeste a partir desta semana, mas em nível insuficiente para resolver a crise. Na opinião de Márcio Pereira, especialista em meio ambiente e sócio do L.O. Baptista-SVMFA, não há medidas imediatas que resolvam a escassez hídrica. "As obras de expansão de armazenamento não foram

planejadas. Agora, é rezar para chover além da conta", disse. Ele explicou que nada foi feito para ampliar a oferta de água. "Além da falta de investimentos em infraestrutura, os ativos hídricos não são preservados. Rios são utilizados para diluição de resíduos e poluentes. Esgoto não tem tratamento em vários municípios. Essa situação precisa ser revertida logo", salientou.

Situação dramática

Para o gerente de Regulação da Safira Energia, Fábio Cuberos,

o cenário hidrológico está complicado, com efeito na geração de energia. "Os relatórios são drásticos. O volume de chuvas tende a ser melhor, mas ainda ficará abaixo da média histórica. Isso comprometerá 2015", alertou. Se chover pouco, as térmicas ficarão ligadas por necessidade. Se chover muito, permanecerão acionadas para recompor os reservatórios. Ele acredita que a racionalização do consumo só não foi determinada este ano por razões eleitorais. "Não há mais como protelar. É preciso discutir o futuro do setor. O governo não pode ser tão intervencionista", apontou.

Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil, lembrou que o setor elétrico era sustentável até meados de 2012. "Hoje, as receitas, tanto na geração, quanto na distribuição e na transmissão, não são suficientes para bancar o setor. O descompasso gerou custos de R\$ 70 bilhões", disse. Soma-se a isso o fato de que o acionamento térmico já está em 100%. "Devemos pensar em racionalização do consumo", afirmou. No entender de Guilherme Schmidt, do L.O. Baptista-SVMFA, o país está pagando o preço da falta de planejamento.

SIMONE KAFRUNI

Com reservatórios de água em níveis críticos e uma crise sem precedentes no setor elétrico, o país precisa de ações emergenciais do governo federal. A escassez de água em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro não permitirá que a presidente reeleita, Dilma Rousseff, espere pelo próximo mandato para se reunir com os governantes dos estados mais atingidos. O ano eleitoral adiou medidas necessárias para minimizar os estragos provocados pela pior seca em 80 anos. E o quadro só não se agravou porque a economia do país está estagnada e a indústria, em recessão, consumiu menos energia. Agora, não haverá escapatória: o governo terá que decretar a racionalização do consumo, planejar melhor as obras de infraestrutura e aperfeiçoar a interlocução com o setor.

O Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) reduziu a previsão de armazenamento de água nos reservatórios das hidrelétricas do Sudeste e do Centro-Oeste, que respondem por 70% da geração hídrica do país. O último relatório aponta que as represas devem fechar o mês, na próxima sexta-feira, com 18,4% da capacidade, abaixo dos 21% registrados em 2001, ano do racionamento. Na Região Nordeste, segundo parque gerador, os lagos devem alcançar nível de água de 15,2%.

Meteorologistas preveem mais chuva no Sudeste e Centro-Oeste a partir desta semana, mas em nível insuficiente para resolver a crise. Na opinião de Márcio Pereira, especialista em meio ambiente e sócio do L.O. Baptista-SVMFA, não há medidas imediatas que resolvam a escassez hídrica. "As obras de expansão de armazenamento não foram

planejadas. Agora, é rezar para chover além da conta", disse. Ele explicou que nada foi feito para ampliar a oferta de água. "Além da falta de investimentos em infraestrutura, os ativos hídricos não são preservados. Rios são utilizados para diluição de resíduos e poluentes. Esgoto não tem tratamento em vários municípios. Essa situação precisa ser revertida logo", salientou.

Situação dramática

Para o gerente de Regulação da Safira Energia, Fábio Cuberos, o cenário hidrológico está complicado, com efeito na geração de energia. "Os relatórios são drásticos. O volume de chuvas tende a ser melhor, mas ainda ficará abaixo da média histórica. Isso comprometerá 2015", alertou. Se chover pouco, as térmicas ficarão ligadas por necessidade. Se chover muito, permanecerão acionadas para recompor os reservatórios. Ele acredita que a racionalização do consumo só não foi determinada este ano por razões eleitorais. "Não há mais como protelar. É preciso discutir o futuro do setor. O governo não pode ser tão intervencionista", apontou.

Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil, lembrou que o setor elétrico era sustentável até meados de 2012. "Hoje, as receitas, tanto na geração, quanto na distribuição e na transmissão, não são suficientes para bancar o setor. O descompasso gerou custos de R\$ 70 bilhões", disse. Soma-se a isso o fato de que o acionamento térmico já está em 100%. "Devemos pensar em racionalização do consumo", afirmou. No entender de Guilherme Schmidt, do L.O. Baptista-SVMFA, o país está pagando o preço da falta de planejamento.

Herança pesada

Ficou para 2015 saldar as dívidas bilionárias do setor elétrico

- » Reservatórios do Sudeste e Centro-Oeste, regiões que contribuem com 70% da energia hidrelétrica do país, chegarão ao fim do ano com níveis mais baixos do que em 2001, ano do racionamento
- » Cálculos do Operador Nacional do Sistema (ONS) apontam que nível de água das usinas atingirá 18,4% em 31 de outubro. Em 2001, era de 21%.
- » O nível crítico obrigou as hidrelétricas a pararem de gerar energia para reservar água para consumo humano
- » Empréstimos de quase R\$ 18 bilhões feitos para as distribuidoras serão pagos pelos consumidores nas tarifas de energia entre 2015 e 2017
- » O Tribunal de Contas da União calcula que, com os juros, o valor dessa dívida atingirá a R\$ 26,6 bilhões
- » O custo da geração de energia termelétrica de 2013 não foi pago em 2014. As faturas do ano passado e de 2014, quando as termelétricas foram acionadas na base (100%), ficaram para 2015
- » Consumidores terão que pagar o consumo de energia térmica por meio de encargos nas tarifas
- » O sistema de bandeiras tarifárias, que deveria ter entrado em vigor em 2014, começa em janeiro de 2015
- » Cada vez que as condições de geração de energia forem desfavoráveis, a bandeira muda de cor. Amarela representa R\$ 1,50 a mais por 100 quilowatts consumidos. Vermelha, acréscimo de R\$ 3

» Analistas acreditam que será bandeira vermelha durante todo o 2015

» Atrasos em obras essenciais impedem expansão do sistema. E descompasso entre obras de geração e transmissão agrava o quadro

» Mudanças regulatórias deterioraram

o ambiente de negócios, comprometendo investimentos futuros

» Aneel propõe redução do teto do Preço de Liquidação das Diferenças (PLD), dos atuais R\$ 822,83 para R\$ 388,04

» Medida não reduzirá tarifa para consumidor e é criticada por ser mais uma mudança das regras no meio do jogo

Fontes: Instituto Acende Brasil, ONS, TCU,

Aneel e especialistas